

**Universidade, uma questão de identidade
Dominicanos e Universidades no século XIII**

Carolina Coelho Fortes*

Resumo: Concebida nas primeiras décadas do século XIII, a Ordem dos Irmãos Pregadores tinha como sua principal missão, evocada em seu próprio nome, a pregação. Esta atividade, no entanto, só poderia ser levada a cabo se pautada no profundo conhecimento das Escrituras e dos significados de suas mensagens para a vida cotidiana, cuja compreensão e obediência levariam à salvação dos fiéis. É assim que, já na primeira versão das Constituições, datada de 1220, estabelece-se que o irmão que deseja se instruir deve receber dispensa imediata para tal, além de uma série de instruções especialmente dirigidas aos estudantes.

No século XIII, igualmente, surgem as Universidades, locais onde, inicialmente, se buscava novos conversos para a nascente Ordem, que logo se transformariam em reduto dominicano por excelência, dada a especificidade de sua missão. Nesse sentido, pretendemos aqui estabelecer uma relação entre o processo de institucionalização da Ordem Dominicana, e uma conseqüente construção de sua identidade institucional, e sua presença nas universidades neste período, tomando Bolonha e Paris como exemplo.

Palavras-chave: Ordem Dominicana, Universidades, Identidade

Abstract: Conceived in the firsts decades of the XIIIth. century, the Order of Preachers had as their main mission, of course, the preaching. This activity, however, only could be brought to term with the profound knowledge of the Scripture. The understanding of its message and its obedience was crucial for salvation. That is why, in the first version of the Constitutions, we can read that a dispensation must be given to all whom wishes do study.

In the XIIIth. century the universities also develops. Is there that the Dominicans search new members for their order. The universities very soon would become a center for the preachers, due to the specificity of their mission. In this sense, we will establish a relation between the Dominican Order institutionalization process, and a consequent construction of their institutional identity, and its presence in the universities, taking Bologna and Paris as examples.

Key-words: Dominican Order, Universities, Thirteenth century.

* Programa de Pós Graduação em História – UFF, Doutoranda, CNPq

Ao contrário do que muito abundantemente defende a historiografia dominicana, a missão da Ordem dos Irmãos Pregadores não estava estabelecida com clareza nas suas primeiras décadas de existência. O processo que leva à construção de sua identidade institucional é gradual, e ocupará, pelo menos, todo o século XIII. Mas, é muito provável que antes mesmo da chancela papal, Domingos e seus seguidores já houvessem definido o estudo como uma de suas mais definidoras características. O estudo, no entanto, devia ser entendido como apenas um meio para o principal elemento identitário da Ordem: a pregação.

Fundamentado-nos em alguns documentos do século XIII, em especial escritos pelos frades, pretendemos aqui demonstrar que o estudo e, conseqüentemente, a inserção dos irmãos pregadores nas universidades foi, desde muito cedo, tanto um elemento central para sua identidade institucional, como uma forma eficaz de dar coesão e estabilidade à Ordem, através do fomento a criação de relações sociais duradouras que se estabelecem em contraposição – muitas vezes até em conflito – aos vínculos de caráter corporativo proporcionados pela vida universitária.

As Constituições

Quando de sua instituição oficial, em 1216, o IV Concílio de Latrão já havia estabelecido a proibição da criação de novas ordens religiosas. A permissão da Cúria para a existência de uma ordem de pregadores se deu com base na condição de que esta deveria adotar uma regra já existente. Como cânone regular que era, Domingos de Gusmão escolheu a regra agostiniana. No entanto esse guia para a vida comunitária não respondia à todas as necessidades impostas por aquele “novo tempo”, que tentava resgatar a pureza apostólica da vida cristã. É assim que Domingos, ainda em 1216, faz algumas adições à esta, constituindo assim uma espécie de esquema das Constituições, ou seja, dos “comentários”, adaptações da regra de Agostinho. Nelas já aparecem a intenção de efetuar os Capítulos Gerais anualmente nas cidades de Paris e Bolonha, cidades estas que abrigavam as primeiras e principais universidades da Cristandade (JORDAN DE SAJONIA, 1947, p. 197).

Embora haja segurança em afirmar que as Constituições já existissem nessa data remota, não há qualquer manuscrito seu preservado. O primeiro texto legislativo da Ordem é de 1228, e foi incitado pela ordem do papa Gregório IX, que aconselhou os dominicanos a realizarem o

primeiro Capítulo Generalíssimo, que teria maior poder de decisão do que os Capítulos Gerais que se reuniam desde 1220. O que mostram os documentos dessa primeira década da existência da Ordem é que uma parte das Constituições fora escrita em 1216, e outra parte em 1220, sofrendo esta algumas modificações até 1228, quando temos o registro das Constituições Primitivas, executado pelo Capítulo Generalíssimo (GARGANTA, 1947, p. 836-7).

As Constituições fundamentam-se, principalmente, na leitura feita pelos premonstratenses da regra agostiniana (TUGWELL, 1982, p. 452-455). E é na comparação entre as duas que fica explícita a originalidade da legislação dos pregadores. No que passou a ser chamado de *Liber consuetudinum*, ainda no prólogo, podemos ler: “(...) tenha o prelado em seu convento a faculdade de dispensar os frades quando o crer conveniente, principalmente em tudo aquilo que lhe parecer impedir o estudo, a pregação e o proveito das almas.” (GARGANTA, 1947, P. 895)

Assim, embora muitos elementos identitários tenham surgido com clareza apenas tardiamente durante o século XIII, é ainda nos primeiros momentos que, provavelmente, o próprio Domingos enfatiza a importância do estudo. A dispensa dos conventos deve ser dada, portanto, livremente àqueles que são aptos para o estudo. Não nos enganemos, no entanto, com a diferenciação ali colocada – “estudo, pregação e proveito das almas” – as três atitudes eram vistas como uma só, estavam inteiramente interligadas. O estudo possibilitava e legitimava a pregação, que tinha como resultado pretendido a salvação das almas.

Domingos e a Universidade de Paris: a visão de Verger

A relação de Domingos com as escolas de Paris começa cedo. Uma bula papal, datada de 17 de janeiro de 1217, é endereçada a universidade de Paris e requisita mestres de teologia para ensinar e pregar em Toulouse, cidade onde encontrava-se Domingos. De acordo com Tugwell, a idéia da carta havia partido do próprio Domingos (TUGWELL, 1995, P. 26). O pregador queria criar uma universidade, ou pelo menos uma faculdade de teologia para consolidar os sucessos obtidos até então na região do Midi francês, assolado pelo catarismo. A melhor proteção contra a heresia seria uma cristandade bem informada, o que não seria possível sem um clero erudito. Por isso, aos olhos de Domingos, era necessário uma escola de teologia, que seria extremamente proveitosa para a educação dos seus seguidores. De onde viriam estes teólogos senão de Paris, o centro do pensamento teológico desde o século anterior?

Percebemos com isso mais um elemento de vinculação entre a missão primeira da Ordem e o estudo. Poderíamos nos satisfazer em dar por solucionada a relação entre os Pregadores e as Universidades, já que estas, que se desenvolvem exatamente no mesmo período que as ordens mendicantes, e se tornam o centro da vida estudantil medieval. Mas a questão não é tão simples, especialmente no caso dos dominicanos. Ainda nas Constituições Primitivas, instituem-se os órgãos da ordem responsáveis pela educação de seus membros. Assim, desde os anos 1220-1230 a ordem havia sido dotado de redes de *studia* conventuais que recebiam seus jovens membros. Nas cidades universitárias esses *studia* eram integrados às faculdades de teologia locais, e chamavam-se *studia generalia*, recebiam estudantes de todas as províncias da Ordem e podiam conferir não apenas o título conventual de “leitor”, mas também diplomas de licenciados e mestres em teologia. (VERGER, 1999, p. 104)

E é aqui que encontramos o principal ponto de atrito. As Universidades se organizaram como corporações de ofício, em especial as primeiras delas: Paris e Bolonha. E, como corporações, estabeleceram uma série de regras de proteção mútua entre seus membros. Desenvolveram toda uma rede de relações sociais calcadas no compartilhar não só de suas atividades intelectuais, mas de moradia, e de uma gama de rituais aos quais se abstraiam os frades, já que pertencentes a um outro grupo. E, ao que tudo indica, o pertencimento às ordens mendicantes marcava mais profundamente o estudante do que sua inserção na vida universitária. Jacques Verger, o principal estudioso das universidades medievais, afirma: “A maioria destes (mestres e estudantes) ... consideravam-se simplesmente como membros de grupos maiores.” (VERGER, 1990, p. 66). O que nos leva a pensar que, apesar de terem surgido no mesmo momento, universitários e frades desenvolveram suas ferramentas sociais de identidade em processos de duração diferente.

É de 1219 a primeira notícia sobre a entrada de frades mendicantes nas universidades (LE GOFF, 1995, p. 60). Sinal de que os planos de Domingos estavam sendo cumpridos. É nessa data, porém, que iniciam-se os problemas em relação aos frades, já que o chanceler de Paris na ocasião se opõe à novidade e, por isso, perde suas últimas prerrogativas, transferindo-se todos os direitos sobre a corporação aos mestres depois da greve de 1229-1231, sobre a qual discutiremos mais adiante. Agora nos preocupa entender porque, mesmo tendo seus próprios *studia*, os dominicanos continuaram buscando sua vinculação com as universidades.

O próprio Verger já havia pensado sobre essa questão. E dá a ela, segundo nos parece, uma resposta insatisfatória. Inicia afirmando taxativamente que “o único estudo útil aos pregadores era o da Teologia” (VERGER, 1990, p. 74), ficando-lhes proibido o estudo do Direito, por exemplo. Mas, se de fato o era, porque a importância da cidade de Bolonha para a Ordem? Logo voltaremos a essa pergunta. Agora nos ocupamos da pergunta que Verger coloca: “Por que os dominicanos, que tinham sua própria organização escolar, procuraram enxertá-la na instituição universitária?”(VERGER, 1990, p. 75) Busca sua resposta nas origens da Ordem. Com a dispersão dos primeiros irmãos pregadores em 1217 da região do Languedoc, desprovida de escolas, enviou-os a Paris e Bolonha, as grandes cidades universitárias da época. Com isso, segundo Verger, alcançariam dois objetivos: dar a formação necessária aos primeiros irmãos e recrutar novos membros para a ordem nos meios universitários. Quanto a isso não há o que contestar, como já vimos em relação ao primeiro objetivo tomando por base as Constituições, e como veremos, em relação ao segundo, fundamentando-se nas cartas do segundo mestre geral da Ordem, Jordão da Saxônia. Mas Verger prossegue alegando que as gerações de fardes conversos que se conseguiria nesses ambientes faria com que os conventos dominicanos estivessem permanentemente ligados às universidades.

No entanto, como veremos, não foram poucos os ataques que se seguiriam. A querela entre seculares e mendicantes desafiou a própria existência das ordens mendicantes em geral e, em especial, a Ordem Dominicana, que contava com duas cátedras de Teologia em Paris, a partir de 1230 (ocupadas Rolando de Cremona, em 1229 e Jean de Saint-Gilles em 1230). Porque, então, mesmo com conflitos renitentes, os dominicanos não abandonaram as universidades? Sem dúvida era o local por excelência para o recrutamento de novos membros, já que o interesse pelos estudos era partilhado tanto pelos universitários, quanto fazia parte da missão dominicana. Mas, se possuíam já uma extensa rede de escolas conventuais, ali não estavam apenas para formar seus membros. Percebemos que os mendicantes estavam, de certa forma, fechados para o clero secular nas universidades exatamente porque compartilhavam com ele um caráter definidor de sua existência: a vida no século. Nesses primeiros anos de atividade da ordem dominicana, era imprescindível que se estabelecesse com profundidade suas características para que a ordem não fosse assimilada pelo clero secular, de quem tomava a prerrogativa da pregação. Assim, para que pudessem continuar existindo como ordem independente, fechavam seus círculos aos seculares

no sentido de não abrir mão de um instrumento capaz de formar vínculos sociais: as escolas conventuais, separadas das nações, das faculdades e dos colégios seculares.

Jordão e as cartas

O segundo argumento levantado por Verger para explicar a relação entre Ordem Dominicana e Universidades – o recrutamento de membros letrados – fica explícito em uma série de cartas que o segundo mestre geral da ordem, Jordão da Saxônia, envia para uma monja, Diana de Andaló (ou para toda a congregação feminina), residente no convento de Santa Inês em Bolonha, entre 1221 e 1236. Das cinquenta cartas que nos chegaram, treze fazem menção direta a conversos conseguidos no meio universitário de Paris, Oxford, Pádua e Vercelli. Estas duas últimas universidades nascem da secessão da Universidade de Bolonha: Pádua em 1222 e Vercelli em 1228 (VERGER, 1990, p. 40). Portanto, era nos principais centros universitários, principalmente, que se buscavam os novos membros da Ordem, porque apenas em duas cartas Jordão faz referência a noviços convertidos em outros meios. Vejamos as cartas enviadas de Paris.

Na primavera de 1226, Jordão conta a Diana: “Depois da minha chegada à Paris, em quatro semanas, entraram na Ordem vinte e um frades. Entre eles, temos seis mestres de artes; os outros são bacharéis bem preparados, idôneos para a Ordem.” (JORDAN DE SAJONIA, 1984, p. 66)

Em maio de 1228, novamente uma carta de Paris informa: “Graças a Deus, meu trabalho junto aos estudantes tem dado maravilhosos frutos. Entre o Advento e a Páscoa entraram na Ordem cerca de quarenta noviços, muitos deles já sendo mestres e bem preparados doutrinariamente.”

Já em maio de 1236, mais boas notícias:

“Neste inverno, desde o Advento, tenho estado em Paris. Pela graça de Deus, estão ingressando na Ordem muitos jovens, nobres e letrados, bem como mestres. No dia em que te escrevi minha carta, diziam os frades que já eram setenta os que haviam vestido o hábito. Quero que tu e as monjas deis graças a Deus por eles.”

É interessante perceber que todas as informações sobre novos membros para a Ordem são sempre escritas em tom de júbilo, mesmo porque muitas vezes Jordão fala sobre a dificuldade que encontrava em “mover seus corações”. Por isso sempre pede a Diana e às monjas que rezem em agradecimento pelo “desabrochar” da Ordem. Nessas cartas e em tantas mais, Jordão faz referência não só ao grau de aprendizagem em que se encontram os conversos, mas também a que

ordem social pertencem. Os nobres recebem, via de regra, citação destacada. Em um momento em que a Ordem está ainda se constituindo é importante que seus membros sejam não apenas letrados, mas que possam contribuir com o sustento de sua comunidade de alguma maneira, geralmente com doações para a construção de novos conventos e igrejas.

Esses dois elementos muito recorrentes nas missivas de Jordão fazem parte de sua própria carreira, já que é nascido de uma família condal e, em 1210 vai estudar em Paris. Formou-se Mestre de Artes em 1218 e no mesmo ano foi ordenado subdiácono. Em 1219 conheceu Domingos, durante sua viagem a Paris, onde foi para arregimentar novos membros dentre os universitários. Ali Domingos visitou também os noviços que trabalhavam na construção do convento de Saint Jacques. Jordão, amigo dos frades, recebeu de Domingos o sacramento da penitência, e um incentivo para tornar-se diácono. Entraria para a Ordem pouco tempo depois, no início de 1220.

Com apenas alguns meses de vida mendicante, Jordão seria escolhido para representar o convento de Saint Jacques no Capítulo Geral, realizado em Bolonha em maio de 1220. Fato um tanto surpreendente, do qual nem as fontes nem a historiografia dão conta. É possível, no entanto, que seu destaque dentre os frades de Paris esteja relacionado ao seu nível universitário. Mais um indício de que as escolhas de Domingos, desde muito cedo, apontam para a grande importância de letrados entre os noviços. Tanto é que se decide no capítulo que Jordão seria o encarregado de ensinar as Escrituras aos frades de seu convento. Sua carreira dentro da ordem é meteórica, , tornando-se mestre geral em 1222.

A querela entre regulares e seculares

Essa atividade muito intensa de recrutamento, e o início do enraizamento dos pregadores em Paris acabaria motivando uma série de conflitos de maior envergadura. O primeiro deles ocorre quando da greve de 1229-1231, a qual os mendicantes não aderiram e, o que parecia ainda mais grave aos olhos dos seculares, da qual se aproveitaram os dominicanos para aprovar mais uma cátedra de Teologia para um de seus membros. O caso é que o problema não estava nesses eventos isolados, mas no fato de que os mendicantes não cobravam de seus alunos, podiam substituir os mestres por outros da mesma ordem pela simples decisão de seus superiores hierárquicos (PAUL, 2003, p. 361), além de muitos membros das ordens mendicantes “pularem”

o curso de Artes e irem direto para o estudo de Teologia, subvertendo, assim, de várias maneiras, as regras estabelecidas pela corporação universitária.

Até então, a dita querela entre seculares e mendicantes era latente, e só chegou às vias de fato em 1253, com uma nova greve a qual, mais uma vez, os mendicantes não aderiram. Os seculares reclamam ao grande patrono da universidade de Paris: o papado. Inocêncio IV, então, revoga uma série de benefícios já conquistados pelos mendicantes, pela bula *Etsi animarum*, de novembro de 1254, proibindo-os de acolher fiéis em suas igrejas aos domingos, de pregar e confessar, exceto com a devida autorização dos seculares. (PAUL, 2003, p. 362). E aqui temos mais um elemento que fundamenta a hipótese que levantamos anteriormente: o fato de seculares e, especialmente dominicanos, terem funções comuns, e tipos de vida diferentes, saltava mais aos olhos no ambiente escolar, o que acabaria levando a ambos os braços da Igreja a fortalecer suas posições. Os dominicanos por se sentirem ameaçados em sua própria existência. Os seculares porque passaram a ter que disputar espaço com eles nas universidades, no interesse dos fiéis e diante da Cúria papal que via neles poderosos agente de centralização.

Porque Bolonha?

Como lembram Verger, Paul, Le Goff e Lawrence, o curso freqüentado pelos dominicanos era, principalmente o de Teologia. Por que, então, é na universidade de Bolonha, e nas que vão surgir a partir de suas sucessões, que encontramos tanta atividade de pregação dos dominicanos, já que nestas o Direito era o curso mais importante, em Bolonha não havendo, pelo menos, até 1364, uma faculdade de teologia? Retornemos às cartas de Jordão. Na primavera de 1233, de Pádua, ele escreve:

“Tuas orações e as de tuas monjas tem influído bastante junto a Deus, que nos deu trinta noviços, virtuosos, letrados e nobres, muitos dos quais são já mestres. O Mestre Santiago, que era arcediogo de Ravena e prepósito de Bobbio, (...) que é, ademais, o melhor erudito em Direito de toda a Lombardia. Ele tomou o hábito e fez sua profissão na quarta-feira antes da Páscoa. Junto com ele também ingressou outro virtuoso homem, jovem arcediogo, da melhor e mais rica nobreza húngara.”

E de Pádua e Vercelli, herdeiras de Bolonha e, como ela, voltadas para o estudo do Direito romano e canônico, seguem tantas outras missivas que sempre fazem referência a nobres e ricos estudantes que optam por vestir o hábito dominicano. Como em Paris, ali encontravam homens

letrados, mas acima de tudo, homens letrados, ricos e pertencentes a nobreza. Seriam portanto, sustentáculos espirituais e matérias para a Ordem que se organizava,

Conclusão

Nas universidades os dominicanos encontravam o estudo regulamentado, ali podiam recrutar membros já instruídos e oriundos de grupos privilegiados da cristandade. Além disso, as universidades têm caráter universal, o que beneficiava o fortalecimento da Ordem por toda a Europa. É nos meios universitários também que os pregadores têm a oportunidade de consolidar sua identidade frente aos seculares. Portanto, concluímos que Ainda que ambígua e conflituosa, a relação entre a Ordem Dominicana e as Universidades é um dos elementos mais marcados de sua identidade institucional.

Bibliografia

- BROCHIERI, F. O Intelectual. In: LE GOFF, J. (org). *O Homem Medieval*. Lisboa: Presença, 1989.
- GELABERT, M.; MILAGRO, J. & GARGANTA, J. (eds.) *Santo Domingo de Guzmán visto por sus contemporaneos*. Madri: BAC. 1947.
- JORDAN DE SAJONIA. DEL CURA, A. (ed.). *Cartas a Diana Andaló y a otras religiosas*. Calaruega: OPE, 1984.
- LAWRENCE, C.H. *The Friars. The impact of the Eraly Mendicant movement on western society*. Londres: Longman, 1995.
- LE GOFF, J. *Os Intelectuais na Idade Média*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- PAUL, J. *Historia Intelectual Del Occidente Medieval*. Madri: Cátedra, 2003.
- TUGWELL, Simon. *Early Dominicans: Selected Writings*. Paulist Press, 1982.
- _____. *Saint Dominic*. Estrasburgo: Signe, 1995.
- VERGER, J. *Homens e Saber na Idade Média*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- _____. *As Universidades na Idade Média*. São Paulo: UNESP, 1990.